BRI0001

Anna Beatriz Siviero – 9349200

**Ensaio I**

Seminários:

[1. Origens e características das organizações multilaterais 1](#_Toc20920370)

[2. O Brasil no futuro do mundo 2](#_Toc20920371)

[3. Infraestrutura como pilar do desenvolvimento na América Latina 3](#_Toc20920372)

[4. Conflitos Armados e a Promoção da Paz: Sérgio Vieira de Mello 4](#_Toc20920373)

[5. Tendências na ajuda humanitária e seus desafios 5](#_Toc20920374)

[6. Tendências do mercado de capitais e seus desafios 6](#_Toc20920375)

[7. Tendências no comércio internacional e seus desafios: o caso do agronegócio 7](#_Toc20920376)

# **Origens e características das organizações multilaterais**

O Professor Pedro Dallari, do Instituto de Relações Internacionais da USP, inicia o oferecimento da disciplina com uma explicação sobre o que são as organizações multilaterais e como elas funcionam. Essas organizações surgiram e fortaleceram-se em um contexto de grande integração internacional e globalização, buscando pela construção de regras e políticas públicas que fossem capazes de funcionar globalmente.

Outra importante ideia é que existem três tipos de entes e organizações internacionais: as organizações internacionais propriamente ditas (que são formadas por um grupo de diversas organizações nacionais, por exemplo a General Motors do Brasil, a General Motors da Itália e de outros países); as organizações não governamentais internacionais; e as empresas multinacionais (por exemplo, a Coca-Cola). Essas organizações internacionais têm como elementos essenciais, portanto, os fatos de serem formadas por Estados ou por outras organizações internacionais, de serem constituídas por meio de um tratado, e de serem dotadas de personalidade jurídica internacional (ou seja, não possuem nacionalidade definida).

O Professor comentou, ainda, sobre algumas curiosas situações especiais: o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (que não é de fato uma organização internacional, mas uma organização não-governamental suíça dotada de certos benefícios garantidos às organizações internacionais) e o Vaticano/Igreja Católica (que chegam a possuir representações diplomáticas, como qualquer país).

Como aluna do curso de Administração – e considerando a globalização e a cada vez maior internacionalização das organizações –, acredito que seja bastante importante para minha formação acadêmica a compreensão dos diferentes tipos de organizações internacionais que existem, além dos tipos comuns que costumo estudar em meu curso (como grandes empresas de bens de consumo ou grandes instituições financeiras). Assim, creio que a disciplina BRI0001 irá me proporcionar uma visão mais completa sobre as possibilidades do mundo empresarial e organizacional.

# **O Brasil no futuro do mundo**

O Professor Jacques Marcovitch, do Instituto de Relações Internacionais da USP, aborda nessa aula algumas tendências e riscos mundiais, e qual seria a posição do Brasil dentro desses temas.

Sobre tendências mundiais, são abordados os temas de população (9 bilhões de habitantes no planeta em 2050), urbanização (dois terços da população mundial viverá em aglomerados urbanos em 2050), alimentação (o mundo deverá, no mínimo, duplicar sua produção de alimentos até 2050, para que consiga alimentar toda a população mundial projetada), transporte (será superada a marca de dois bilhões de automóveis e caminhões até 2035, sendo que em 2009 esse número era de 800 milhões), energia (o setor de transportes continuará sendo a maior parte da expansão da demanda por petróleo e outros combustíveis líquidos), entre outros.

Além disso, o Professor comentou sobre alguns dos principais riscos aos quais os países devem se atentar. São eles: econômicos, geopolíticos, tecnológicos, ambientais, e riscos relacionados às novas fronteiras na Ciência e Tecnologia (incluindo os temas de revolução digital, revolução mecânica, revolução biológica, e legado da Revolução Industrial/efeito estufa e demais impactos causados pela Revolução Industrial).

Falando especificamente sobre o Brasil, o país teve crescimento demográfico muito grande entre 1960 e 2010, período em que a população urbana aumentou consideravelmente e a população rural diminuiu. A ONU antecipa, porém, uma diminuição na população brasileira em 2100 (comparando com valores de 2017). Mesmo assim, o país deve estar atento às características que envolvem a construção sustentável de seu futuro: é preciso ter consciência dos riscos, saber posicionar-se sabiamente em relação à geopolítica mundial, e incentivar a inovação. De certo modo, o Brasil já pensa em alguns desses pontos cruciais – tendo estabelecido metas para 2030 com relação à matriz energética, à geração de eletricidade e ao uso da terra.

O Brasil não é o único país, no entanto, a tentar mitigar os riscos citados acima. A União Europeia, por exemplo, busca por maiores oportunidades de desenvolvimento por meio do acesso facilitado aos mercados do Mercosul. Ao mesmo tempo, o Brasil tem grande interesse na exportação de seus produtos agrícolas, e vê a Europa como um grande mercado em potencial. A Europa, porém, possui rígidas legislações sobre proteção ambiental, e não costuma aceitar comprar produtos que sejam prejudiciais ao meio-ambiente. Se o Brasil quiser, de fato, aumentar suas exportações de produtos agrícolas para a União Europeia, essa seria uma ótima oportunidade para que o país revisasse suas políticas de sustentabilidade e pudesse garantir – não só à Europa, mas ao mundo todo – que seus produtos não são prejudiciais para o planeta. Assim, o Brasil pode conseguir mais acordos comerciais com outras nações, ao mesmo tempo em que se atenta ao cumprimento de suas metas estabelecidas.

# **Infraestrutura como pilar do desenvolvimento na América Latina**

Luiz Enrique García Rodriguez, atualmente ocupando a Cátedra José Bonifácio, conversou conosco sobre alguns dos desafios a ser enfrentados, em comum, pela América Latina quando se pensa em desenvolvimento.

Primeiramente, falou que a América Latina é muito dependente de commodities – e, por isso, é extremamente necessário que desenvolva sua produtividade que que construa um modelo de desenvolvimento que permita crescimento estável, inclusivo e compatível com o meio-ambiente.

Em seguida, comentou sobre o desafio que as eleições de quatro em quatro anos trazem para a estabilidade dos países, visto que há certos elementos/metas que não deveriam ser alterados nesse intervalo de tempo. O ideal seria que os países conseguissem traçar objetivos de longo prazo e cumpri-los independentemente de quem esteja no governo.

 Além disso, disse também que a América Latina deveria priorizar investimentos governamentais em áreas em que o setor privado não irá atuar – como a infraestrutura. Realmente a infraestrutura é a base para a construção de um país forte economicamente e, em minha opinião, seria muito positivo que os Estados investissem em infraestrutura industrial. Isso porque a América Latina ainda possui foco muito grande em exportação de produtos de baixo valor agregado, tornando-se dependente da importação de produtos industrializados. Essa necessidade de importação aumenta a dificuldade em manter uma balança comercial favorável, visto que os produtos industrializados tendem a ter preço superior do que os produtos normalmente exportados pelos países latino-americanos.

 Por fim, comentou sobre a necessidade de a América Latina buscar mecanismos de integração e de desenvolvimento em conjunto – sendo o Mercosul um bom exemplo dessa integração. De fato, os países da América Latina poderiam ganhar mais poder mundialmente se atuassem em conjunto. É difícil, entretanto, construir essa integração devido a diversas divergências políticas entre os países latino-americanos e à falta de confiança e credibilidade que as instituições passam.

 Refletindo sobre a palestra e extrapolando um pouco o tema econômico, seria muito importante também que os países da América Latina desenvolvessem métodos de maior inclusão social (incluindo maior equidade de distribuição de renda). Além de isso ajudar grande parte da população desses países, que vivem em situações de pobreza e marginalização da sociedade, uma maior inclusão social fomenta o comércio (pois haveria mais pessoas comprando produtos e serviços) e aumenta as vagas de emprego. O investimento no equilíbrio ambiental e no desenvolvimento sustentável também é bastante importante – além dos motivos de preservação ambiental, também é algo que ajuda nas relações comerciais com países de outros lugares do mundo (como países da Europa, por exemplo, que costumam ter rígidas legislações ambientais e evitam comprar produtos de países que não seguem modelos de preservação ambiental eficazes).

# **Conflitos Armados e a Promoção da Paz: Sérgio Vieira de Mello**

O Professor Pedro Dallari apresentou à turma um vídeo sobre Sérgio Vieira de Mello, brasileiro funcionário da Organização das Nações Unidas (ONU) que lutou durante sua trajetória em defesa daqueles afetados por conflitos armados. Devido às suas habilidades diplomáticas e persuasivas, Sérgio conseguiu atuar com sucesso em diversas missões de paz, em que participou de tensas negociações, defendendo os interesses das vítimas desses conflitos.

 Sérgio morreu em um incidente em 2003 envolvendo um carro-bomba colocado em frente ao prédio que servia de base para as operações da ONU em Bagdá. Por se perceber, dada essa ocasião, que ele não era tão conhecido no Brasil, foram realizados diversos esforços para que os brasileiros conhecessem esse homem e suas contribuições humanitárias – como a publicação de um livro em sua memória e a elaboração de um portal que reunisse seus escritos e contasse sua história, motivo de orgulho para os brasileiros.

 Nesse contexto, fica também a reflexão sobre a segurança e as precauções a serem tomadas por funcionários da ONU e de outros tantos órgãos de ajuda humanitária. A guerra, hoje, dificilmente é praticada em um campo definido, com apenas militares participando dessa ação. Hoje, a guerra existe na forma de incentivo ao terror e intervenção nas vidas de civis, no meio de cidades que, até então, estavam vivendo uma rotina normal.

 Devido, também, ao desenvolvimento da tecnologia, as ofensivas dentro de cada conflito tornaram-se muito mais perigosas e atingem uma quantidade muito maior de pessoas. Por isso, é cada vez mais urgente que se coloque a pauta dos direitos humanos em prática ao redor do mundo, além de se pensar na proteção e nos cuidados devidos àqueles que agem em prol da dissolução desses conflitos.

 O curso online B-SAFE da ONU, por exemplo, é um exemplo muito bom de como a tecnologia pode ajudar essas pessoas a estarem mais protegidas. Apesar de ser um curso teórico e bem básico, acho que iniciativas como essa são bastante importantes para que os próprios funcionários (e familiares desses funcionários) da ONU possam entender a devida proporção da seriedade com que deve ser levado o tema de segurança em seus trabalhos.

 Outro fato muito positivo é que o curso está disponível para qualquer pessoa que queira fazê-lo, o que permitiu aos alunos da disciplina fazer o curso e obter um diploma. Apesar de não estarmos envolvidos diariamente na maioria das atividades de risco que profissionais da ONU em campo, trabalhando para resolver conflitos, estão envolvidos, o curso aborda diversas situações comuns no dia-a-dia de qualquer um – e creio que me auxiliou a pensar sobre algumas precauções que eu preciso tomar visando a minha própria segurança.

# **Tendências na ajuda humanitária e seus desafios**

A aula contou com a presença de Simone Casabianca-Aeschlimann, suíça que está atualmente trabalhando no Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) no Brasil. Simone contou um pouco sobre como funciona o CICV e sobre o mandato humanitário da organização para proteção e assistência de vítimas de conflitos armados. Atualmente, o Comitê está presente em 90 países ao redor do mundo e conta com o trabalho de mais de 18 mil funcionários. Os princípios básicos do CICV são humanismo, discrição na ação e solidariedade.

 No Brasil, o trabalho do CICV é focado na mitigação da violência. Apesar de o país não possuir guerras de fato, a violência é muito grande e afeta profundamente principalmente a população mais carente. Além disso, muitas autoridades brasileiras não sabem lidar com os conflitos que acontecem no país e com as suas vítimas. Por isso, o CICV aplica no Brasil uma metodologia que desenvolveu, que se chama “acesso mais seguro”: os funcionários da Cruz Vermelha que trabalham aqui treinam profissionais de serviços essenciais para conseguirem atingir a população necessitada e tentar ajudar da melhor maneira possível.

Outro ponto abordado por Simone foi o modo como a Cruz Vermelha trabalha: o CICV é autorizado a atuar em determinadas regiões conflituosas do mundo devido a acordos internacionais e à sua posição neutra em relação a conflitos. Além disso, também há garantias de confidencialidade envolvendo os atores da Cruz Vermelha e os beneficiários da região onde estão atuando – garantindo, assim, a proteção e a segurança dos envolvidos.

 Em um mundo bastante polarizado – e, ultimamente, com as mudanças climáticas atuando de modo a acentuar conflitos e violências entre diferentes pessoas ou povos –, a atuação de órgãos como o CICV e a própria ONU (outro órgão que também possui como um de seus objetivos a ajuda humanitária) é essencial. Foi muito emocionante escutar Simone contando sobre seu trabalho e sobre a doação pessoal que todos os colaboradores do CICV fazem diariamente, visando sempre ao auxílio daqueles que necessitam.

 Outro ponto que me impactou bastante foi ver a figura de uma mulher forte, corajosa e determinada como Simone à frente de iniciativas tão importantes para o atendimento humanitário ao redor do mundo. É sempre positivo poder escutar mais sobre as histórias de mulheres como Simone, e poder usas suas palavras como inspiração.

# **Tendências do mercado de capitais e seus desafios**

Considerando toda a sua experiência em mercado financeiro, Roberto Teixeira da Costa conversou com a turma de BRI0001 sobre as tendências do mercado de capitais e seus desafios atualmente.

Segundo Roberto, anteriormente o grande crescimento econômico-financeiro das empresas se devia aos altos juros. Por isso, o mercado de capitais era uma maneira fácil de fazer as empresas se desenvolverem – e, pelo menos motivo, era raro as pessoas terem motivação para arriscarem entrar no mercado de ações (visto que o mercado de renda fixa remunerava muito bem o capital investido, e com riscos bem baixos).

Hoje, no entanto, o Brasil lida com um cenário em que o diferencial entre inflação e taxa de juros é o mais baixo da história. Isso significa que, provavelmente, as pessoas vão querer ganhar dinheiro no mercado de ações em vez de investir no mercado de renda fixa. No entanto, ganhar dinheiro no mercado de ações depende de escolher as empresas certas, que irão se desenvolver – mas, como a economia brasileira não está em um momento muito bom, fica bastante complicado fazer essa aposta de um jeito racional.

O ponto é que, mesmo com a economia como está atualmente, é preciso criar instrumentos para incentivar as empresas a abrirem capital, e também educar a população brasileira sobre como funciona o mercado de ações.

Por outro lado, a queda da taxa de juros e da inflação é benéfica para a economia brasileira, porque coloca mais dinheiro em circulação e leva a uma aceleração econômica. Assim, cabe ao governo brasileiro e às autoridades e empresas-referência em relação a economia passar conhecimento à população do Brasil, ensinando ao povo sobre os riscos e as vantagens de investimentos e, principalmente, a como lidar com esse novo contexto econômico em que o Brasil está entrando.

# **Tendências no comércio internacional e seus desafios: o caso do agronegócio**

O Professor Marcos Jank, professor sênior de Agronegócio Global do Insper e titular da Cátedra Luiz de Queiroz da ESALQ USP, trouxe discussões sobre agronegócio, aprofundando -se na importância crescente da Ásia em relação ao comércio internacional. A Ásia possui um crescimento muito grande da classe média e é um continente muito diversos (diversidade de cultura, étnica, religiosa, linguística, econômica, de governança etc.), que contém países continentais e fronteiras artificiais. Além disso, o sul e o sudeste da Ásia comportam mais da metade da população mundial – mas apenas cerca de 20% de terras, água, PIB.

Hoje, a região asiática vem se desenvolvendo e aumentando seu PIB, tornando-se novamente uma região deveras relevante para a economia mundial (coisa que deixou de ser durante alguns anos pós Revolução Industrial). Falando especificamente da China, o país tem planos de internacionalização de suas empresas (estatais e privadas), com foco em setores estratégicos como energia, commodities e infraestrutura. Além disso, também precisa preocupar-se em manter um crescimento nacional que garanta o equilíbrio da classe média emergente, e em alimentar toda a enorme população do país (enorme consumo).

Por causa disso – e, também, devido à grande parcela da população mundial concentrada na região asiática no geral –, é cada vez mais importante que o Brasil se atente à Ásia em relação às oportunidades comerciais de exportação de produtos agropecuários. O agronegócio é responsável por 20% do PIB brasileiro, por 44% das exportações do país e por 20% de empregos – o que faz do Brasil o terceiro maior exportador mundial, sendo beneficiado pela sua rica disponibilidade de recursos naturais e seu clima tropical. E, mesmo sem fazermos acordos comerciais relevantes na última década, a exportação de produtos do agronegócio quintuplicou. Ou seja, o potencial para o Brasil nessa área é enorme. Em relação ao total de exportações do agronegócio brasileiro, 38% do destino desses produtos é a China, e 13% o restante da Ásia. Além disso, o Brasil está em um ótimo momento devido à guerra comercial que existe atualmente entre Estados Unidos e China, tendo suas exportações para a China aumentando muito (principalmente a exportação de soja), o que parece ser causado pela diminuição das exportações dos Estados Unidos para a China.

Desse modo, seria bastante interessante que o Brasil tentasse investir em um acordo comercial com a China, semelhante ao que vem fazendo com a Europa. O Brasil deveria aproveitar o momento de aproximação comercial com a China e tentar se blindar contra os efeitos de um possível acordo que possa ser feito entre as duas potências (Estados Unidos e China), o que deixaria o Brasil em uma posição preocupante. Seria importante, ainda, que o Brasil tentasse tomar essas providências antes do período de eleição dos Estados Unidos, visto que uma guerra comercial não é atrativa para a reeleição do presidente Trump e nem seria atrativa para a campanha de um candidato democrata, de modo que possivelmente o país tentará acabar com esse conflito ao longo do próximo ano.

Por fim, seria importante que o Brasil se abrisse mais à competição internacional, para que sua produção agropecuária fosse, de certo modo, forçada a atingir padrões mais elevados de eficiência. Desse modo, o país estaria melhor preparado para levar vantagem em relação aos produtos estrangeiros não apenas pela qualidade e/ou quantidade de sua produção, mas pela maior qualidade e velocidade em processamento, transporte e distribuição etc.